

O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO E O SISTEMA DAS PROFISSÕES: UM OLHAR SOBRE COMPETÊNCIAS

Resumo

Reflexão sobre as características e a evolução do sistema das profissões no ambiente de mudanças característico da Sociedade da Informação, a partir das ideias de alguns teóricos da Sociologia das Profissões. Enfatiza a importância das profissões e especialmente, o desenvolvimento e a diversificação dos profissionais da informação, suas competências e seus espaços no mundo do trabalho, chamando a atenção para a necessidade de diálogo e de trabalho em comum com profissões próximas. Salienta ainda a necessidade de repensar a formação em Biblioteconomia.

Palavras-chave: Sistema das profissões. Profissionais da informação. Competências.

Miriam Vieira da Cunha
Doutora em Informação Científica e
Técnica.
Professora do Departamento de
Ciência da Informação da
Universidade Federal de Santa
Catarina
vieiradacunha.miriam@gmail.com

THE INFORMATION PROFESSIONAL AND THE SYSTEM OF PROFESSIONS: A LOOK ON SKILLS

Abstract

Reflection on the characteristics and the evolution of the system of professions, from the theories of the Sociology of Professions. Emphasizes the importance of the professions and particularly the development and diversification of the information professionals, their skills and their spaces of work, drawing attention to the need for dialogue and common work with other professions. Also stresses the need to rethink the education in Librarianship.

Key-word: System of professions. Information professionals.

1 AS CARACTERÍSTICAS E A EVOLUÇÃO DAS PROFISSÕES

A realidade que vivemos é, ao mesmo tempo, uma realidade fascinante e difícil. Fascinante pelas possibilidades que nos traz a Sociedade do Conhecimento onde a virtualidade e a instantaneidade são fatos concretos. Difícil, pelas desigualdades que esta Sociedade traz, junto com suas promessas de mudanças. Difícil porque este novo ambiente questiona nossos velhos e sólidos paradigmas, nossas certezas, nossas visões de mundo. Ao mesmo tempo que rompemos com velhos modelos de pensamento estamos agregando novas “camadas”, camadas estas que podem significar ruptura ou consolidação.

Para Ianni (1996), as transformações que ocorrem no mundo podem ser vistas como manifestações de uma ruptura histórica, mais ou menos drástica e geral, com implicações práticas e teóricas fundamentais, em uma realidade em permanente e constante mudança, caracterizada por estruturas flexíveis onde a palavra de ordem é a imprevisibilidade. São transformações, como afirma Ianni, repentinas e lentas, parciais e totais, visíveis e invisíveis que surpreendem a uns e outros, em todos os lugares. Esta realidade onde só a impermanência é permanente demanda transformações radicais no mundo do trabalho e da formação profissional.

Tentamos, com nosso olhar fragmentado da realidade – entender um pouco deste mundo – fazer conexões, criar pontes. Mesmo com todas as conexões disponíveis atualmente nosso olhar é fragmentado, é sempre imperfeito, é pessoal, é, às vezes, contraditório e traz nossa marca, nossa cultura, nossa vivência. Enfim, nosso pensar é sempre provisório. Nossa fala reflete o pensar dos outros, reflete nossas leituras, nossas discussões, nosso fazer em sala de aula, nossos autores preferidos. Quando fazemos escolhas, como diz Susan Sontag (2008, p. 235), “não estamos apenas dizendo que isso é melhor do que aquilo [...] estamos [na realidade] dizendo que isso é mais importante do que aquilo.” Fazer escolhas, ainda parafraseando Susan Sontag, é tentar ordenar “a avassaladora dispersão e simultaneidade de tudo.” Neste sentido, “fazer escolhas significa

inevitavelmente ignorar uma boa parte do que se passa no mundo. Nossas escolhas dependem de nossa capacidade de prestar atenção, uma capacidade sempre limitada. Mas é necessário ter sempre em mente que esses limites podem ser sempre estendidos.” É isso que nos faz avançar.

A partir destas ideias, tentaremos fazer algumas reflexões sobre as profissões e os profissionais da informação, tratando de construir algumas pontes com a ajuda dos nossos autores preferidos.

Segundo De Masi (2003), a fase que estamos atravessando atualmente é caracterizada por uma grande crise de modelos teóricos. Isto significa que difundiu-se uma consciência de que as visões do mundo com as quais nos orientamos no passado são insuficientes para explicar o presente e antecipar o futuro.

Ora, esse ambiente, caracterizado pelo crescimento da indústria da informação, impacta de forma singular as organizações cuja característica permanente é a mudança. Novas opções profissionais e novas oportunidades de trabalho se desenvolvem demandando novas formas de atuação.

Neste cenário de mudanças, as profissões têm um papel fundamental. São formadas por grupos de pessoas que aplicam conhecimentos abstratos a casos particulares, de forma a resolver problemas específicos para uma clientela. Esses grupos podem ser definidos como comunidades com as quais compartilham uma identidade, um engajamento pessoal, interesses específicos e uma lealdade. A identidade profissional se concretiza por meio do compartilhamento de valores fundamentados nos serviços oferecidos.

Cada grupo profissional define suas regras e as relações que estabelece com a sociedade e com as demais profissões. Segundo Hughes (1971), o termo profissional tem sua origem na Idade Média no verbo professar, que significava obter votos religiosos. Esta conotação religiosa sugere a ideia de dever e de serviço prestado a clientes e a identificação do profissional com este serviço.

Foi Flexner (1915 apud BENNETT, HOKENSTAD, 1973) quem criou, em 1915, a primeira definição sistematizada do que é uma profissão. Para este autor, uma profissão fundamenta-se numa atividade intelectual, requer de seus membros a posse de um conhecimento, tem objetivos bem definidos, possui técnicas que podem ser comunicadas e uma organização própria, motivada pelo desejo de trabalhar pelo bem estar da sociedade.

Existem várias definições de profissional. Todas elas englobam as noções de monopólio de conhecimentos, de autonomia e de serviço. O fato de prestar serviços pressupõe uma competência no domínio em questão e conhecimentos específicos adquiridos através da formação. A formação garante o monopólio do conhecimento, dá acesso à qualificação e ao reconhecimento, conferindo ao profissional o direito de prestar serviços à comunidade. A formação é organizada e gerida pela profissão e constitui um dos traços característicos de cada grupo profissional.

A autonomia significa o direito que os profissionais têm de organizar e regulamentar suas atividades. As organizações profissionais, através de instrumentos como códigos de ética e normas de comportamento, pretendem garantir a qualidade dos serviços oferecidos. O código de ética é constituído por normas reconhecidas pelos membros da profissão, que visam mostrar sua utilidade social, regular sua atividade e reduzir a competitividade interna.

De acordo com Matarazzo (1977 apud MCGUIRE, 1993), todas as profissões passam pelas mesmas etapas evolutivas, isto é: em um primeiro momento há um ingresso desordenado de profissionais; a seguir, esses profissionais se organizam em associações voluntárias. A próxima etapa é a imposição de uma exigência de formação. Esta exigência é reforçada por meio do reconhecimento de programas de ensino específicos. A última etapa se caracteriza por uma maior elaboração do processo de reconhecimento profissional por meio de especializações.

A estrutura cognitiva das profissões deve ser legitimada pela sociedade. Neste sentido, cada profissão está relacionada a uma comunidade através de um contrato implícito. Este contrato lhe dá o direito exclusivo de exercício em troca da segurança, da

qualidade e da eficácia dos serviços oferecidos. Esses direitos derivam do conhecimento que legitima seu campo de trabalho (CURRY; WERGIN, 1993). Podem ainda incluir o monopólio da prática profissional, o controle da formação e do recrutamento de seus membros. Segundo Haug (1973), o monopólio do conhecimento especializado que uma profissão detém, assegura o seu lugar na hierarquia do sistema profissional, seu status e seu prestígio. Para Freidson (1998), a base do profissionalismo está no conhecimento e na competência especializados considerados valiosos para a vida humana.

Moore (1970) afirma que quanto mais os conhecimentos de um campo de atividade são sistematizados, mais o monopólio de seu espaço é garantido. Neste sentido, o controle do conhecimento é estabelecido a partir das relações que existem entre a prática profissional e valores como legitimidade cultural, racionalidade e eficácia. Esse autor acrescenta ainda que o conhecimento comum é indispensável para manter a união de um grupo profissional.

Na visão de Abbott (1988), o conjunto das profissões forma um sistema. O autor define sistema como uma estrutura que relaciona as profissões entre elas, de tal forma que o movimento de uma afeta as outras. Nesse sistema, cada profissão ocupa um espaço definido, ou uma jurisdição. A evolução do sistema depende dos ajustes que se realizam entre as profissões, consequência da forma como os diversos grupos profissionais controlam seus conhecimentos e competências. Neste sentido, o controle de cada profissão é determinado pelo domínio das abstrações que geram a prática profissional. A habilidade das profissões em manter sua jurisdição, resulta, desta forma, em parte, do prestígio do seu sistema de conhecimento. No modelo de Abbott (1988), a ênfase está no sistema de conhecimento e no seu grau de abstração, elemento fundamental na competição entre profissões

Em seu estudo sobre a evolução das profissões através de suas interrelações, Abbott (1988) afirma que cada uma delas ocupa um lugar específico no sistema. Este lugar é determinado através de um núcleo central, um campo de atividade bem delimitado, sobre o

qual o grupo exerce um controle completo e legal. Através desse controle, conforme o autor precisa, cada profissão vai procurar excluir outros trabalhadores de seu campo. A força e o sucesso de uma profissão são assim legitimados pela delimitação clara de seu campo de competência, pela demarcação de um espaço próprio de ação e através de sua interação com outras profissões.

Existe reconhecimento de uma especificidade quando um grupo profissional dispõe de um *savoir-faire*, que não é compartilhado com outros grupos, conferindo a cada um de seus membros, um lugar específico na sociedade. Neste caso, o grupo terá o controle total de um determinado espaço. Algumas vezes esse controle é subordinado à intervenção de outro grupo profissional. Quando os limites de uma profissão não são claramente definidos, profissionais de outras áreas "invadem" seu campo, havendo, desta forma, uma disputa por espaço. A evolução das profissões, fundamenta-se, portanto, entre as relações e a competição que existe entre elas.

Desta forma, é o controle de um espaço e do campo de atividade profissional que criam os conflitos entre as profissões e sua interdependência. Analisar seu desenvolvimento é, neste sentido, analisar as ligações existentes entre cada profissão e seu campo de trabalho.

Cada profissão defende interesses que lhe são próprios. Muitas vezes, entretanto, as características de uma ocupação não são exclusivas de um grupo e derivam de especificidades de outras atividades. Além disso, quando a demanda feita a um grupo profissional pelo mercado de trabalho ultrapassa sua capacidade de resposta, esse grupo perde seu espaço ou se subdivide. O aparecimento de uma nova ocupação significa, desta forma, que ela tem atividades específicas suficientemente valorizadas que se diferenciam de outras com uma utilidade reconhecida publicamente. Assim as especializações profissionais aparecem quando existe uma diferenciação na estrutura que forma as profissões: diferenciação por tipo de clientes, por local de trabalho etc.

As atividades profissionais estão sofrendo atualmente mudanças excepcionais. Entre elas é possível citar a incorporação do trabalho profissional isolado e independente a grandes organizações. Este fenômeno, que parece ser mundial, contribui para a diminuição da autonomia profissional e tem revolucionado as relações entre os profissionais e seus clientes.

De acordo com McGuire (1993), as transformações que afetam atualmente as profissões são consequência dos seguintes fatores:

- mudanças das características inerentes a cada profissão;
- transformações inerentes à tecnologia;
- mudança das condições socioeconômicas e da cultura da prática profissional;
- mudanças de qualidade na rapidez, variedade e nas modalidades de comunicação.

Algumas previsões sugerem que a competitividade entre as diferentes profissões e entre elas e os grupos profissionais emergentes vai aumentar. Haverá ainda uma demanda por serviços de melhor qualidade enquanto as mudanças tecnológicas vão alterar drasticamente as práticas profissionais (FRIEDSON, 1998).

Sem dúvida, as mudanças que acontecem nesse campo estão pondo em questão os três princípios fundamentais da teoria das profissões, a saber: o monopólio do conhecimento, a autonomia profissional e a orientação de serviço. Muitos fatores contribuíram para a diminuição da autonomia profissional: a expansão do conhecimento, a modificação das expectativas dos clientes e o aumento do número de profissionais ligados a estruturas burocráticas. Além disso, as tecnologias da informação desmistificaram a dimensão de monopólio do conhecimento.

2 AS PROFISSÕES DA INFORMAÇÃO

Desde a invenção da imprensa no século XV até o presente momento, as profissões da informação vivem, segundo Starr (1996) um desafio e uma transformação de uma

profundidade sem precedentes. Mas, apesar das mudanças trazidas pela história a missão fundamental das profissões da informação é e continuará sendo – servir a sociedade, respondendo às suas necessidades de informação, necessidades estas, estáveis e permanentes.

As transformações que acontecem nas profissões de informação refletem a evolução do sistema das profissões e apontam, como afirma Cronin (1993) para mudanças de um núcleo tradicional, conhecido e delimitado, em direção a uma periferia. Este autor afirma, a partir da leitura de Abbott, que as mudanças nas profissões ocorrem sempre nas margens desse núcleo conhecido e bem delimitado. É exatamente nos limites, nas margens do núcleo de cada profissão que se notam as transformações. Nesse espaço é possível verificar de forma mais clara as mudanças que acontecem nas profissões. Estas transformações são consequência da diversidade dos suportes, das funções, dos papéis, dos usos e das expectativas dos usuários com relação ao tratamento da informação. Além disso, as estruturas das unidades de informação e os setores de atividade onde a informação é necessária são cada vez mais diversificados.

Nesse sentido, as profissões tradicionalmente ligadas à utilização, à análise, e à gestão da informação vivem um momento ímpar. Por um lado, o aumento do uso da informação significa uma grande diversificação no trabalho desses profissionais. Por outro lado, a "apropriação" do uso e da gestão da informação por profissionais de outros campos do conhecimento significa, para muitos, uma ameaça. Mas, nos parece que esta concorrência não representa uma ameaça se esses profissionais souberem aproveitar as oportunidades, utilizando suas habilidades e conhecimentos e, sobretudo, transformando suas habilidades e desenvolvendo novas competências e conhecimentos.

O futuro das profissões da informação está ligado à sua capacidade de adaptar-se a novas demandas. Além disso, esta diversidade de formas de lidar com a informação evidenciam uma tendência de trabalho interdisciplinar. Na verdade, ter ao mesmo tempo, como afirma Brigitte Guyot (1991), competências em gestão da informação, em análise da

informação, em comunicação da informação e em tratamentos sofisticados para disponibilizar a informação em rede são tarefas complexas que exigem, além da especialidade em um assunto específico, o conhecimento de técnicas de comunicação, de animação, de informática e de gestão.

De que forma se transmitem as competências profissionais? Ou, dito de outra forma, como preparar profissionais para que atuem nesta nova realidade, para que sejam atores efetivos nesta nova realidade?

O valor e a organização do conhecimento dependem da motivação e dos objetivos de cada indivíduo em um determinado momento. Somente o exercício em situações reais dá sentido e valor ao conhecimento. Segundo Lévy (1997, p. 30) “o conhecimento que vive de invenção coletiva, de transformação, de interpretação e de mudança é um dos lugares onde a solidariedade do homem pode ter mais sentido, transformando-se em um dos laços mais fortes entre os indivíduos.”

Como evoluirá o papel dos profissionais da informação em uma sociedade tão complexa e diversificada? Como se efetuará a convivência entre as diferentes especialidades profissionais? Que campo profissional vai dominar nessa jurisdição? De acordo com Guyot (1991), neste amálgama transdisciplinar convivem profissionais de informática, gestores, documentalistas, bibliotecários e profissionais da comunicação, entre outros. Esse diálogo, esta colaboração entre profissionais tão díspares e ao mesmo tempo tão próximos, serão profícuos, serão produtivos? Tudo indica que desses diálogos, destas confluências inter e transdisciplinares, destas experiências surgirão novas profissões híbridas e distintas.

As mudanças tecnológicas e estruturais da Sociedade de Informação estão obrigando os profissionais da informação a redefinir seu lugar no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo que as funções informacionais se tornam mais complexas e específicas esta tendência à especificidade não resultou no fortalecimento das profissões clássicas da informação – mas abriu possibilidades para especialistas de outras disciplinas. Desta forma, o desenvolvimento

da indústria da informação abriu efetivamente este campo profissional a uma população ampla de profissionais de várias disciplinas.

Os profissionais da informação e especialmente os bibliotecários, necessitam saber transitar neste novo cenário, aceitar as mudanças impostas pelo desenvolvimento tecnológico e ocupar um papel destacado por sua experiência acumulada no uso e no trato com informação. Esses profissionais têm a obrigação e a necessidade de preparar-se para esta realidade. Devem entender as novas necessidades que surgem e as novas formas de responder a estas necessidades, desenvolvendo novas competências.

De acordo com Perennoud (1995, p. 20), competência significa “saberes de alto nível que exigem a integração de múltiplos recursos [...] no tratamento de situações complexas.” Ou a “capacidade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações.”

Na realidade, a competência profissional transcende os limites da mera aptidão técnico-científica e adentra o campo político-social. Para enfrentar esta nova realidade, é necessário formar cidadãos e profissionais imbuídos de valores éticos que, com competência técnica, atuem no seu entorno de modo comprometido com uma sociedade mais inclusiva.

Quando se pensa em formação de competências dos profissionais da informação, é necessário lembrar que a educação do profissional da informação deve garantir a ele autonomia. Ora, é necessário lembrar que o futuro profissional não é apenas copartícipe, mas coresponsável por sua formação. Esta responsabilidade se dá por meio de uma postura ativa e crítica face aos recursos informacionais disponíveis, em um processo contínuo de construção do conhecimento.

Os futuros profissionais da informação, por sua vez, terão que desenvolver novas habilidades para, por meio de metodologias adequadas, incorporar os recursos tecnológicos e a comunicação via redes. Mercado (1998 apud ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2005) alerta que “o objetivo de se introduzir novas tecnologias no ensino é para fazer coisas novas e pedagogicamente importantes que não se pode

realizar de outras maneiras.” Com a inserção das tecnologias “a aprendizagem centra-se nas diferenças individuais e na capacitação do aluno para torná-lo um usuário independente da informação, capaz de usar vários tipos de fontes de informação e meios de comunicação eletrônica” (MERCADO, 1998 apud ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2005).

A educação pode ser entendida como um diálogo aberto que se transforma mediante processos de assimilação, acomodação e equilíbrio. O movimento, fruto das interações locais traduzidas pelas relações entre educador e educando, educando e seu contexto, caracteriza o processo de aprendizagem. Este processo visa formar profissionais competentes. Competência profissional que engloba, no sentido de Demo (1998, p. 15), "os desafios de saber pensar e do aprender a aprender."

Segundo Couzinet (2001), o lugar das profissões da informação na sociedade se desenvolve através de um processo lento. Suas competências são questionadas cada vez que existe um avanço nas tecnologias.

A substituição dos paradigmas tradicionais das profissões da informação como consequência do impacto das tecnologias sobre o processamento, a transmissão, a organização e o acesso à informação, a ubiquidade da informação disponível e seu acesso virtual – tudo contribui para repensar competências, habilidades e estratégias de formação para um exercício profissional satisfatório.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças da tecnologia e a globalização dos mercados levam as profissões a repensar a natureza do profissionalismo. Formar profissionais integrados à realidade e que possam responder às necessidades atuais e futuras do mundo do trabalho é um verdadeiro desafio para os cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Como afirmamos anteriormente, o espaço informacional se desenvolve cada vez mais como um local onde interagem profissionais de várias disciplinas. A diversidade de situações que o profissional da informação enfrenta, a diversidade de ferramentas e de fontes de informação disponíveis, a necessidade de participar, cada vez mais, de projetos interdisciplinares, implicam, no nosso entender, em uma obrigação das escolas de Biblioteconomia/Ciência da Informação de abrir seu campo de competência. Uma das formas de concretizar esta abertura pode ser o estabelecimento de uma cooperação efetiva com escolas de outros campos do conhecimento, como administração e informática, de forma a criar programas comuns com uma abordagem multidisciplinar.

Como afirma Cubillo (1999, p. 2) "devemos ser permeáveis a uma influência controlada de outras profissões." Na realidade, todas as profissões têm problemas com a gestão da informação. Segundo este autor, a busca de sinergias e de encontros com outras áreas e outras profissões pode ser enriquecedora para os profissionais da informação.

Iniciamos um novo século, um tempo de alterações econômicas, sociais e políticas, um tempo de muitas perguntas e poucas respostas. Podemos nos perguntar, neste tempo de perplexidades: as profissões da informação da forma como as conhecemos se manterão como estão? Que transformações são necessárias? Como prever estas transformações?

A evolução das profissões e a influência que exerce a globalização em todos os setores de atividade conduziram a uma mudança na cultura das profissões da informação e fazem com que os profissionais repensem a natureza do profissionalismo. Neste sentido as escolas de Biblioteconomia/Ciência da Informação devem habilitar o estudante para que possa refletir sobre esta situação e, a partir disto, responder a demandas de informação cada vez mais diversificadas. Em um ambiente de mutação permanente, a capacidade de aprender continuamente é essencial.

A Biblioteconomia, segundo Abbott (1998) – a melhor estabelecida entre as profissões da informação – deve ter a confiança de reconhecer sua força e definir seu futuro. Que futuro será este? Segundo este autor será necessário redefinir as bases do exercício profissional, fortalecer a missão do bibliotecário e ter um relacionamento aberto com outras profissões.

Vários autores, entre eles Marchiori (1996) e Valentim (2004), abordam o tema do relacionamento com outros profissionais. Essas alianças com profissionais de outras áreas permitem que se abra o leque de informações disponíveis e que surjam novos espaços de diálogo dando maior visibilidade ao trabalho realizado nas unidades de informação.

Para concluir, nos parece importante citar as palavras de Hobsbawn (1999, p. 562), da conclusão de seu livro *A era dos extremos*: "Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até esse ponto... Contudo, uma coisa está clara. Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja a alternativa para uma mudança de sociedade é a escuridão."

Artigo submetido em 15/01/2009 e aceito para publicação em 19/06/2009.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, A. **The system of professions**: an essay on the division of expert labor. Chicago: The University of Chicago, 1988.

ABBOTT, A. Professionalism and the Future of Librarianship. **Library Trends**, n.46, p.430-443, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Oficina Pedagógica – Região São Paulo**: As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem em Ciência da Informação. São Paulo, 2005. Disponível em: < <http://www.abecin.org.br>>. Acesso em: maio 2008.

BENNETT JR., W. S.; HOKENSTAD JR. M. C. Full-time people workers and conceptions of the professional. **The Society Review Monograph**, n. 20, p. 21-43, dec. 1973.

CRONIN, B. Profissionalização ou proletarização da atividade informacional? **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 22, n. 1, p. 38-65, jan./jun. 1993.

COUZINET, V. Organisation et dispositif d'intéressement: la professionnalisation des documentalistes. In: SÉMINAIRE 2000-2001. 2001, Toulouse. **Anais...** Toulouse: LERASS, 2001.

CUBILLO, J. El profesional sin nombre: reflexiones sobre una reflexión. **CEPAL/CLADES Comunicado**, Lima, nov. 1999.

CURRY, L.; WERGIN, J. F. Setting priorities for change in professional education. In: _____. **Educating professionals**. San Francisco: Jossey-Bass, 1993. p. 316-327.

DE MASI, D. **O futuro do trabalho**: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

DEMO, P. **Aprendendo a aprender com o professor**: análise de experiências recentes. Curitiba: Base, 1998. v.1.

FREIDSON, E. **Renascimento do profissionalismo**: teoria, profecia e política. São Paulo: Edusp, 1998.

GUYOT, B. L'interprofessionnalisme. **Bulletin d'Informations de l'Association des Bibliothécaires Français**, n. 152, p. 34-35, 1er. trim. 1991.

HAUG, M. R. Deprofessionalization: an alternate hypothesis for the future. **The Society Review Monograph**, n. 20, p. 195-211, Dec. 1973.

HOBBSAWN, E. **A era dos extremos**: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HUGHES, E.C. **The sociological eye**: selected papers. Chicago: Aldine, 1971.

IANNI, O. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

LEVY, P. **L'intelligence collective**: pour une anthropologie du cyberspace. Paris: La Découverte, 1997.

MARCHIORI, P. Z. . Bibliotecários, jornalista e informáticos : a ocupação de posições relativas no campo de atividades de informação. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 89-111, 1996.

MCGUIRE, C. Socio-cultural changes affecting professions and professionals. In: CURRY, L.; WERGIN, J. F. **Educating professionals**. San Francisco: Jossey-Bass, 1993. p. 3-16.

MOORE, W.E. **The professions**: roles and rules. New York: Russel Sage Foundation, 1970.

PERRENOU, P. Des savoirs aux compétences: de quoi parle-t-on en parlant de compétences? **Pédagogie Collégiale**, Québec, v. 9, n.1, p. 20-24, Oct. 1995.

SONTAG, S. **Ao mesmo tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

STARR, K. **Task force on the future of librarianship**. Los Angeles: California Library Association, 1996.

VALENTIM, M. L. P. . Ética profissional na área de Ciência da Informação. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004, p. 55-69.